

HT 28mai25 - Dr. Carlos Roberto

Aspectos médicos do sofrimento de Cristo

(Este arquivo foi transcrito por inteligência artificial no turboscrib.ai e não passou por revisão de português nem correção no fluxo de ideias)

A ideia é falar um pouco da questão médica, dos aspectos físicos, de como foi o sofrimento de Jesus nos seus últimos dias. Isso aqui foi um trabalho, um estudo que eu tive que fazer. É importante falar que a gente não tem, como médico, eu não tenho um corpo para examinar, como legista.

O que eu tenho para examinar são informações, são textos escritos. E a credibilidade do que eu vou falar aqui depende diretamente da credibilidade dessas fontes que eu consultei. E essas fontes vão desde a própria Bíblia, os Evangelhos, o Antigo Testamento, alguns textos, autores cristãos e autores não cristãos.

Eu procurei buscar o peso entre o segundo século antes de Cristo e o segundo século depois de Cristo. E aqui a gente já tem o primeiro texto. Podemos encontrar alguém que prefira definhar, morrendo lentamente, membro por membro, o que deixa sua vida esvaír-se gota a gota, em vez de expirar de uma vez? Pode-se encontrar um homem disposto a ser fixado no madeiro maldito, muito doente, já deformado, inchado, com horríveis feridas e vergões nos ombros e no dorso, e sentindo esvaír-se o fôlego de vida em lenta e prolongada anogonia? Ele teria muitas desculpas para morrer mesmo antes de subir a cruz.

Então aqui Sêneca escreveu esse texto, na porte do ano 50, depois de Cristo, falando da crucificação, do sofrimento que era a cruz. Ou seja, a pessoa tenderia a querer morrer muito antes de ser crucificada, pelo sofrimento que a cruz infligia. Aqui a gente tem Cícero.

Cícero era advogado romano, e aqui ele estava defendendo um cidadão romano chamado Rabírio. Ele era acusado de assassinato, e eles estavam querendo crucificar Rabírio. E Cícero, como advogado de defesa, escreveu isso aqui.

Mesmo se formos condenados à morte, podemos morrer como homens livres, mas a simples menção da palavra cruz deveria ser removida não apenas da pessoa de um cidadão romano, mas até mesmo de seus pensamentos, olhos e ouvidos. A simples menção dela é um desrespeito a qualquer cidadão romano ou homem livre. Só para vocês terem uma ideia do que era o horror da cruz.

A palavra cruz chegou a ser usada como xingamento em Roma. O próprio Cícero, de novo, é crime amarrar um cidadão romano. É uma monstruosidade açoitar.

É quase parricídio matar. Que direito, então, de elevá-lo a uma cruz? Tamanho era o horror que essa pena podia levar às pessoas. E aqui a gente tem a Bíblia falando, né? Pois está escrito, Maldito todo aquele que for pendurado no madeira.

Aqui é a carta de Paulo aos Gálatas, uma referência a Deuteronômio 21. Bom, e como é que estava a saúde de Jesus antes da paixão? Jesus era carpinteiro, era um tecton, né? Aqui

carpinteiro não é aquele cara que fabrica cadeira, mesa. Não, tecton era aquele envolvido em construção civil, né? Quem trabalhava madeira na construção civil.

Então ele era um trabalhador braçal, acostumado ao trabalho pesado. Ele suportava bem períodos de jejum prolongado, né? Lembra? Ele passou 40 dias em jejum no deserto. Ele percorria longas distâncias a pé, muitas vezes por regiões áridas, montanhosas.

Falava e era ouvido por multidões. Ele tinha uma voz potente. Isso é um sinal de boa saúde.

Então a saúde física de Jesus era muito boa. A condição física dele era muito boa antes da paixão. Nos seus últimos dias ele saiu, né? Passou por Betânia, né? Na casa de Lázaro.

E dali ele partiu pra Jerusalém, pra Páscoa. Ocorreu então aquela entrada triunfal em Jerusalém, né? Ele purificou o templo, o templo novamente, expulsando os reis de Leões. Em Jerusalém vai acontecer a última ceia, o cenáculo.

E da ceia, Jesus vai pro Getsemaní com os seus apóstolos. E aí chegamos no Getsemaní. E lá Jesus passa a sofrer.

Já vislumbrando que ele iria enfrentado ali pra frente, ele pede que os três discípulos mais próximos orem com ele. Deixa eles a uma certa distância, mas ele pede, olha, vigiem comigo, fiquem acordados, né? Eu tô, minha alma tá cheia de tristeza até a morte. E aí ele começa a orar pela primeira vez.

E aí quando ele olha, os discípulos tão dormindo. Ele vai lá, acorda ele, gente, vigia, pelo amor de Deus. Vamos lá, me ajuda aqui.

Na segunda vez que ele volta a orar, os anjos vêm, né? Tentam consolá-lo, tentam passar um pouco de consolo, tudo e tal, né? Ele entra naquele desespero. Meu pai, se é possível, passa de mim esse cálice. Ainda não seja como eu quero, mas como tu queres.

Novamente os discípulos dormem, ele vai lá, acorda eles. Gente, pelo amor de Deus, fica comigo. Pela terceira vez ele volta a orar.

E dessa vez ele sofre, ele entra em agonia. E posto em agonia, orava mais intensamente. E o seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue que corriam até o chão.

O que foi isso, gente? O que foi esse suor se transformando em sangue? Será que isso é só uma figura de linguagem? Será que isso foi real? Existe uma... Na medicina a gente tem uma condição como essa, chamada de hematidrose ou hemidrose. A gente tem as glândulas da pele que secretam o suor, são as glândulas sudoríparas. E aí você tem os pequenos vazinhos que estão ligados, essas glândulas começam a se romper.

E o sangue vai se misturar ao suor e vai sair pelos poros, né? Aquele suor misturado com sangue. Essa condição, ela tá associada com um pavor intenso. Estados de muita concentração mental.

Um sofrimento psíquico muito forte, muito intenso. E até com algumas doenças orgânicas mais graves, como câncer, fanatismo religioso. Então isso mostra pra gente que Jesus tava sofrendo muito naquele momento.

Ele estava literalmente em agonia por aquilo que viria a partir daquele ponto. A perda de sangue é uma perda pequena, né? São pequenos vazinhos que rompem, que misturam com o suor. Mas com o frio da noite na Judéia, isso pode ter causado alguns calafrios.

Ele ficou encharcado, ensopado do suor. E com o frio da noite pode ter deixado ele com frio, deixado ele com calafrios. Isso aqui é uma menina italiana, uma adolescente, que manifestou a hematidrose.

Principalmente aqui na região da testa, na raiz do cabelo. Junto dos olhos, em volta do umbigo e entre os dedos da mão. É um quadro mais leve, mas pra mostrar que isso existe.

Aqui a gente tem a estrutura da glândula sitorípara. A gente tem aqui os pequenos vazinhos que envolvem a glândula. E quando um vazinho desse se rompe, o sangue entra aqui dentro.

E vai sair com o suor lá em cima da pele. E aqui do lado a gente tem esse rapaz. É um rapaz, um doente psiquiátrico.

E ele manifestou a hematidrose dessa forma que a gente tá vendo aí. Que provavelmente foi assim que Jesus deve ter ficado no jeito de ser morto. É interessante porque Jesus sai do terceiro momento de oração dele.

Quando ele sua sangue e tudo. E ele já não parece mais desesperado. Quando os guardas chegam, ele fala assim... Quem é você? Ele fala assim... Sou eu.

Sou eu. Pode me levar. Tô aqui.

E aí ele é levado à casa de Caifás. Ali ele tá perante o sinédrio político daquela época. Ele foi julgado à noite.

Um julgamento que é completamente ilegal naquela época. E foi culpado de blasfêmia por afirmar que era o filho de Deus. Nessa casa de Caifás ele já é vendado, cuspidado e agredido física e psicologicamente.

Até umas pauladas ele tomou. Bom, dali ele é levado pro templo. Onde ocorre o julgamento pelo sinédrio religioso.

Os fariseus e saduceus. Novamente, ele é culpado de blasfêmia. E era um crime que deveria ser punido com a morte.

Só que as penas capitais não podiam ser executadas sem a permissão do governo romano. Que era quem governava a região. Então, por conta disso, ele teve que ser levado até Pôncio Pilatos.

Provavelmente num palácio de Heróides. Lá ele foi acusado de alto sinome a rei. Mudaram a acusação.

Já não é mais blasfêmia. Agora é porque ele tá se dizendo rei. Afinal de contas tinha que falar que era um crime político.

Não mais um crime religioso. O que seria uma ameaça à autoridade romana. Mas Pilatos não vê culpa em Jesus.

Mas como o judeu estava se insinuando muito. Ele fala assim, então tudo bem. Como ele é galileu.

Então quem tem que resolver isso agora é Heróides Antigas. O tetrarca da galiléia. Então Jesus é levado até Heróides.

Que também não vê culpa em Jesus. Mas ele cede a existência dos judeus. Ele escarnece de Jesus.

E devolve pra Pilatos. Então, agora Pilatos vai ter que resolver. Jesus volta pra Pilatos.

Que novamente diz que não acha culpa nenhuma dele. E aí começa o clamor da multidão. O clamor do Sinédrio, da multidão.

Pilatos até tenta libertar Jesus. Mas ele acaba cedendo ao clamor. Liberta Barrabás.

E entrega a Jesus à vontade dos judeus. E no ato de pensar que ele não teve culpa nesse julgamento. Nessa morte.

Ele lava as mãos. E aí vem aquela pergunta. Que ecoa através dos séculos.

E que cada um de nós deve se fazer todos os dias. O que farei de Jesus chamado o Cristo? Essa é a pergunta que a gente tem que responder todo santo dia. O que eu faço com Jesus? O que ele representa pra mim? O que eu sou pra ele? Bom, como é que estava Jesus nesse momento? Lembrando que isso foi durante a noite que tudo isso aconteceu.

Então, ele passou por um grande estresse emocional no dia de semana. Ele foi abandonado pelos seus amigos. Ele foi agredido fisicamente.

Tomou paulada. Soco. Foi cuspidor.

Passou a noite em claro. Teve que andar de um lugar pra outro. Provavelmente sob agressões.

Estava sem comer e sem beber desde a ceia. E aí Pilatos faz o que? Manda flagelar Jesus. A ideia de Pilatos foi a seguinte.

Eu vou mandar flagelar esse cara. A gente oferece um espetáculo público. E depois eu tento libertar ele.

Essa era a ideia, provavelmente. Jesus vai pra flagelação. Isso deve ter se acontecido bem cedo.

Por volta de 7 horas da manhã. Como é que era a flagelação? Ela era uma preliminar legal nas execuções romanas. Só as mulheres, os senadores romanos e os soldados não desertores não passariam pela flagelação.

A intenção era flagelar a vítima até próximo do colapso. Em geral, ela era flagelada por dois soldados ou dois escravos. A vítima era despida completamente.

As mãos eram atadas a um poste. E após a flagelação ela podia ser chutada, esmurrada. Fláculu, no seu texto de Satúri, escreveu.

A vara, o chicote, o terrível flagelo. Mostrando que não se usava apenas o flagelo. Mas se usavam outros instrumentos nessa situação.

Isso aqui é o flagelo, o flagunum, o chicote que era usado na flagelação. Pelos romanos. Era um chicote de couro cru, onde se prendia nas tiras de couro pontas de metal, pedaços de osso, pedaços de chumbo e outros objetos mais para que aquilo infligisse o máximo de sofrimento.

Isso aqui é um achado arqueológico, são pontas. Isso aqui era usado num flagunum romano. Vocês imaginem você ser chicoteado com chicote de couro onde tinha várias dessas pontas aqui.

Imagina o estrago que isso pode causar. Assim era feita a flagelação, a vítima amarrada num poste. O soldado de cada lado, as marcas, as lesões ficariam naquele sentido.

E o flagunum não causava só vergonha, ele rasgava a pele. Aquilo ia cortando, cortando cada vez mais fundo, sangrava muito. Isso aqui, só para vocês terem uma ideia, são as costas de um escravo.

Lembre-se que quem batia nas costas de um escravo não queria que o escravo sofresse muito. Até porque ele não podia sofrer demais porque tinha que trabalhar. Então era um castigo, mas não era tão forte.

Agora, se as costas de um escravo ficavam nesse estado imaginem as costas de alguém flagelado pelos romanos. Imaginem um soldado romano que está lá na Judéia, naquele calor desgraçado, longe de casa, há anos, enfrentando as revoltas, tendo que seguir ordens, etc. E de repente você dá para diversão.

Olha, bate nesse cara aqui por diversão. Você já imagina o que ele vai fazer. Flaco escreveu isso aqui, falando da flagelação.

Dilacerado pelo açoite até infastiar o carrasco. Vocês imaginam o que é isso? Você ser flagelado, chicoteado, até que o carrasco se sinta. Não, tá bom, acho que tá na hora de parar, não aguento mais.

Isso é muito sofrimento. Flávio José, que era judeu, mas foi preso pelos romanos e passou a escrever a história dos judeus. Olha o que ele escreveu sobre a flagelação.

E eram rasgados pelos açoites até as suas entranhas. Tantas eram as lacerações causadas pelo açoite que suas entranhas eram visíveis. As marcas do açoite deixavam ver os ossos embaixo dos músculos.

Então não era uma chicoteadazinha à toa. Era muito, muito sofrimento. E Cristo passou por isso.

A flagelação de Cristo foi particularmente severa. Se a gente estudar a semântica de 1ª P. 224, ele tomou mais do que as 39 chibatadas previstas na ordem de Moisés, porque agora que não eram os judeus que aplicavam o castigo, eram os romanos. Então eles bateram até que eles não aguentavam mais.

E era uma diversão sádica. Então, como eu falei, a carne era dilacerada pelo flagelo, pelo açoite. Ocorre uma grande perda de sangue.

A dor é extrema. Essa perda de sangue vai levar a um choque. A gente chama de choque hipovolêmico por perda de sangue.

E ocorre uma resposta inflamatória sistêmica. Imagina que o corpo inteiro fica inflamado. É um sofrimento atroz.

Bom, depois de ser flagelado, Jesus foi levado ao pretório e escarnecido. Eles colocam um manto nas costas feridas, uma coroa de espinhos na cabeça. Novamente ele é agredido.

A coroa é colocada a pauladas na cabeça dele. E aí ele é apresentado ao povo como sendo o rei dos judeus. Essa é a planta, provavelmente, porque a gente não tem ainda a certeza, mas é o que mais parece pelas inscrições, que foi usada para fazer a coroa de espinhos.

É uma planta típica da região. E como vocês podem ver, são espinhos bem pequeninhos. Agora você imagina fazer uma coroa com isso, colocar na sua cabeça e cravar na sua cabeça a pauladas.

A dor que o mundo deve causar. A coroa provavelmente não era uma coroa só em volta da cabeça, deveria parecer mais com isso aqui. Era um capacete de espinhos.

E aí ele é apresentado ao povo como rei dos judeus. Se vocês acham que essa cena aqui é uma cena feia, horrível, eu posso dizer que deve ter sido bem pior que isso. A aparência de Cristo nesse momento devia estar bem pior do que isso aqui.

Provavelmente aqui foi a última tentativa de Pilatos de libertar Jesus. Ele apresentou o rei dos judeus como quem, olha, tá vendo aqui, já castiguei e tal. Podemos liberar agora, né? Mas aí o clamor da multidão, crucificam, crucificam, crucificam.

E aí começa a chamada Via Crucis. O Jesus despida do seu manto real. É óbvio que ele foi despido, mas não foi da forma muito delicada.

Deve ter arrancado aquele pano das costas feridas. Quem já teve um curativo grudado, um ferimento, sabe o quanto isso dói. Colocam de novo a túnica dele e ele carrega o patíbulo da cruz.

Não foi a cruz inteira que deve ter carregado. Ele carregou o patíbulo até o calvário. Era o que ele deveria fazer.

Lauta falou isso, já disse que ele carrega o patíbulo pela cidade. Depois será cravado na cruz. Então era uma forma de humilhação pública.

A pessoa tinha que carregar o seu próprio instrumento de morte até o local da crucificação. Geralmente ele passava pelas ruas mais movimentadas da cidade e tinha a condenação pendurada no pescoço. Uma placa com a sua condenação, para que todos vissem.

Como é que era o patíbulo? Era uma tora de madeira sem acabamento. Era óbvio que eles não faziam uma madeirinha lixada, lisinha. Não, era cheio de farro.

Tinha em torno de 1,5m, 1,80m. Pesava entre 35 e 55 quilos. Alguns tinham abolas, lugar para amarrar.

Outros tinham aberturas. E Jesus não conseguiu carregar o próprio patíbulo. Era tão pesado que eles pediram para alguém carregar por ele.

Quando eu levanto, tomaram certo o Simão, Sirineu, que vinha do campo, e puseram na cruz as costas para que levasse após Jesus. A gente encontra referências a esse tipo de coisa lá em Sêneca. Alguns carregam o seu próprio patíbulo.

Outros suportam os instrumentos de morte dos outros. Então, isso não é algo incomum para aquela época. Às vezes, o condenado, depois da flagelação, não aguentava realmente carregar o patíbulo.

E eles designavam outra pessoa para carregar até o local da crucificação. E por que se crucificava alguém? Por que se usava essa forma de morte? Para que fosse usado como exemplo. A ideia era crucificar alguém.

Normalmente eram crucificados em locais muito bem visíveis para servir de exemplo. Se você mexer com Roma, é isso que vai acontecer com você. Olha aqui o Quintiliano que escreveu.

Isso aqui é uma cena do que foi a rebelião de Espartacus. No ano 73 a.C. Um grupo de escravos tentou se rebelar. E quando a rebelião foi dominada, eles foram crucificados ao longo da Via Ápia, que era a principal via de acesso à Roma.

Eram mais de 300 crucificados ali. Cícero descreveu a crucificação como a mais extrema e cruel forma de punição. E a crucificação foi inventada pelos persas.

A primeira evidência que a gente tem é de algumas esculturas de Salmanazar. Foi adotada por Alexandre o Grande, que introduziu em Cartávio, no Egito. Os cartagineses mostraram para os romanos como era.

E os romanos resolveram aperfeiçoar. De forma que elas tornaram um método de tortura e de pena capital, a enfrentar uma morte extremamente lenta, com dor e sofrimento máximo. Bom, como é que era uma cruz romana? Basicamente, a gente tinha o stips, que era o poste vertical.

Normalmente o stips já ficava no local da crucificação. O patíbulo que o condenado levava até o local da crucificação. Aqui em cima se pregavam títulos, que era a condenação, porque ele estava sendo crucificado.

E ela podia ter o cédulo, que era um pequeno assento. Eu vou explicar isso aqui porque tinha depois. Ou o supedâneo, que era um apoio para os pés.

Isso aqui não era para dar conforto, mas isso aqui era para prolongar o sofrimento. Vocês vão entender o porquê daqui a pouco. Sêneca descreveu cruzes, não todas do mesmo tipo, mas fixadas de diferentes maneiras.

Uns com a cabeça pendendo para baixo, outros com os braços estendidos sobre o patíbulo, outros ainda pregados a um simples poste. Então eram vários tipos de cruzes, não era um tipo só. Flávio José Fudez escreveu a crucificação dos judeus na revolta, e ele colocou lá, fixavam-nos uns com os braços abertos, outros com os braços erguidos acima da cabeça.

A fúria e a diversão dos soldados variavam as posições, de modo que não havia duas crucificações iguais. Milhares de pessoas foram crucificadas na Judéia pelos romanos. E as cruzes podiam ser desde uma simples árvore, que eles aproveitavam e pregavam a pessoa na árvore.

Podiam colocar a cruz em forma de X, chamada cruz decusata. Ela poderia ser uma cruz comice, em forma de T ou de Tau. E ela podia ser uma cruz baixa ou uma cruz alta.

A cruz baixa é o que acontecia, o crucificado ficava à merced dos animais. Então os chacais, os leões, os ursos, os cães, vinham ali comer a carne. Já a cruz sublime, que era a cruz mais alta, era usada principalmente quando se queria exibir o crucificado.

Olha aí o que acontece com você. E havia a cruz simples, que era só um poste e você pregava a pessoa lá com os dois braços pra cima. Mas os romanos, em geral, costumavam usar essas cruzes aqui.

As cruzes compósitas. Tinha um patíbulo, um estíps, que podia ser alto ou baixo, dependendo do tipo. Lembrando que, pela tradição, Pedro, o apóstolo, foi crucificado de cabeça pra baixo.

E o que acontecia lá no local da crucificação? Eles ofereciam pro condenado uma bebida chamada gal, que era vinho misturado com mirra. Era uma solução analgésica. Fraca, mas era.

A vítima era despida completamente. Aquela imagem de Jesus pregado na cruz com um pano enrolado aqui na região da genitália, aquilo não existia. Ficava completamente nu.

A vítima era jogada em cima do patíbulo, os braços eram atados ou pregados ao patíbulo, e aí a vítima presa, o patíbulo era erguido, era ensada pra fixar no estíps, no poste vertical. E aí os pés eram pregados ou atados ao estíps. Ou ao subpedalho, aquele lugarzinho pra apoiar os pés.

E por final se fixavam títulos, aquela plaquinha com a condenação na cruz. Esses eram os pregos romanos usados na crucificação. Eles tinham mais ou menos em torno de 12 a 15 centímetros de comprimento.

Mais ou menos um centímetro, um centímetro e meio de espessura. Como é que a gente sabe disso? Em 1968, durante uma obra em Jerusalém, num lugar chamado Guivat-Hanifta, se achou um sepulcro. E dentro desse sepulcro, um ossário.

Lá dentro, os ossos de um homem de 24 a 28 anos de idade, e escrito no ossário, tinha um nome. Yehohanan ben Hagakol. Yehohanan, filho de Hagakol.

E aí, por datação, se descobriu que era um crucificado do século I. Provavelmente perto da época de Jesus. E aí se pôde usar esses ossos pra reconstruir o que seria a crucificação naquela época. Chamava a atenção isso aqui.

Era um prego romano atravessando o osso do calcânhar. O calcâneo. E os ossos aqui da canela, próximo ao tornozelo, estavam fraturados.

Uma fatura causada provavelmente por um golpe. O estudioso que viu esses ossos também achou que tinha um arranhão nessa região aqui. Ele na época importou isso aqui.

O cravo, que deveria ser colocado na mão, deveria ter sido colocado aqui. Entre os dois ossos do braço. Mas isso se provou falso depois.

E agora, mais recentemente, a gente achou um segundo esqueleto de crucificado. Na Inglaterra. O que é chamado Fenstanton.

É o esqueleto 4926. É um homem de 26 a 30 anos de idade, mais ou menos. Também crucificado no século I. E chama a atenção que ele também tem um cravo, um prego, atravessando o osso do calcânhar.

Ele não tinha marcas de pregos nem nas mãos, nem nos braços. E os ossos da perna aqui, a tíbia, ela estava íntegra. Então ele também não teve a perna quebrada como aquele da Judeia.

A gente tem também alguns grafites. Alguns desenhos. Esse aqui, um grafite de Alexamenus.

Ele foi feito na parede de uma escola no Monte Palatino, em Roma. Provavelmente entre o primeiro e o terceiro século depois de Cristo. A gente vai falar sobre isso aqui depois.

Isso aqui fica em Puteoli. Também é do século I, século II. Também mostra o crucificado.

E é interessante porque aqui eles tentaram representar as marcas da flagelação nas costas. E por fim, a gente tem essa gema que é do século III, depois de Cristo, com a imagem de um homem crucificado e palavras escritas em egípcio. É interessante que aqui a gente tem os braços amarrados ao patíbulo e os pés colocados um de cada lado dos tipos.

Representando aquele cravo pregado lá no calcânhar, provavelmente. Justino Marx, na sua Apologia, escreveu, as mãos são estendidas e pregadas ao madeiro. Então, algumas reconstruções que foram feitas, se acreditou que era mais ou menos assim que a pessoa foi crucificada.

Dá pra imaginar o sofrimento que isso deve causar. Outra forma poderia ser essa daqui. Então, a gente tem os pés cravados um de cada lado dos tipos, as mãos cravadas aqui no patíbulo, e a pessoa ficava aqui numa posição bastante incômoda, pendurada.

E eu vou falar sobre isso daqui a pouquinho, sobre o sofrimento que isso causava. Jesus foi crucificado com volta das nove horas da manhã, na sexta-feira, 14 de Nissan. Ele teve os cravos pregados nas mãos.

Vocês imaginem essa cena como deve ter sido dolorosa. Depois que o réu era pregado ao patíbulo, ele era içado pra cima da cruz. Vocês imaginam o quanto o sol é doloroso você estar com as mãos pregadas no pedaço de madeira e você ser içado pra cima da cruz.

E aí, o título era fixado, e os seus pés eram pregados nos tipos. Agora, veja o que é interessante. Uns são fixados na cruz e castigados com uma morte lenta, pra que não lhes seja permitido morrer rapidamente.

Outros, inclusive, são impedidos de exalar o último suspiro, e sua vida é estendida entre os próprios tormentos. A crucificação era uma pena de morte lenta. O crucificado levava dias pra morrer na cruz.

Dias. Vocês imaginam o que é você sofrer preso numa cruz durante três, quatro dias. Era muito sofrimento.

As dores eram terríveis. Você tinha cravos nas mãos, cravos nos pés, a posição do corpo era uma posição viciosa, a posição da cabeça... Imagina você com uma coroa de espinhos, você não consegue levantar a cabeça, porque bate na cruz ali atrás, então machuca, então você tem que ficar com a cabeça o tempo inteiro pra frente. Você começa a ter câibra, começa a praticar dormente do corpo, começa a doer, os músculos começam a se contrair, o atrito das feridas contra a madeira, imagina as costas depois da flagelação, todas feridas ali, tendo que ficar raspando na madeira ali atrás.

E aqui, os prédios eram fixados em órgãos extremamente sensíveis e delicados. Faziam-se ainda mais intensos pelo peso do corpo suspenso pelos prédios, pela forçada imobilidade do sujeito, pela intensa febre que sobrevinha, pela ardente sede produzida por essa febre, pelas convulsões e espasmos, também pelas moscas que o sangue e as chagas atraíam. Imagina o que é isso, gente.

Você pregado numa cruz. A dor que isso me devia causar. A imobilidade forçada, os cravos, o peso do corpo pendurado nos cravos, febre, sede, mosca, espasmos, convulsões.

Era uma cena horrível. E totalmente nu ainda, exposto. Imagina ficar com a cabeça nessa posição que se tentasse levantar a cabeça, batia lá atrás as coroas de espinho e ficava na cabeça.

Então tinha que manter a cabeça mais pra baixo. Isso aqui é o Salmo 22. Talvez uma descrição bastante vívida do que Jesus deve ter sentido na cruz.

Como água me derramei e todos os meus ossos se desconjuntaram. O meu coração é como cera, derreteu-se dentro de mim. A minha força se secou como um caco.

A língua se me pega no paladar e me puseste no pó da morte. Olha que descrição. E o que acontecia na cruz, gente? No que morria um crucificado? Ele morria de asfixia.

Você tinha um estiramento na musculatura da respiração. Você alterava a mecânica da respiração e com o tempo você entrava em fadiga. Começava a piorar a respiração, piorar, piorar.

Não conseguia respirar e acabava morrendo. Era uma lenta asfixia. Só pra gente ter uma ideia, quando a gente vai respirar, para o ar entrar no pulmão, é um processo ativo.

A gente tem que contrair a musculatura respiratória para o ar entrar. Para o ar sair, é uma coisa passiva. A própria elasticidade da caixa torácica dos pulmões faz o ar sair de lá de dentro.

É como um tigre. Na cruz, esse processo se inverte. Então, para a pessoa botar o ar para fora do pulmão, ele tem que fazer força.

E aí, o que o crucificado faz para tentar respirar um pouco melhor? Ele precisa se erguer na cruz. Então, você imagina você lá, com os pés pregados, as mãos pregadas, as costas feridas, começando a ficar com falta de ar, com falta de ar, com falta de ar. E para conseguir respirar, você tem que erguer o seu corpo na cruz, se apoiando nos próprios pregos.

Aí você respira, as costas raspando na madeira. E aí, quando você se cansa de ficar naquela posição, você cai de novo. E aí, começa de novo a asfixia.

E aí, você tenta se levantar de novo. E aí, você fica assim durante dias. É um sofrimento atroz.

Veja o que o Sêneca escreveu. Gente, você imagina um sofrimento tão grande, tão grande, que respirar é um alívio. E Jesus passou ali, na cruz, um bom tempo.

Olha o que o Cícero escreveu. Recordem-se da dor na cruz. Recordem-se, eu digo, da cruz.

Não há nada no corpo humano que não tenha sofrimento. que não tenha sofrimento. que possa ser tão doloroso que não seja sentido uma fixação na cruz.

Isso é dor. Jesus faleceu por volta das 3 horas da tarde na cruz. Ele rendeu o espírito e houve trevas.

É interessante porque, já dizia o Salmo 34, preserva-lhe todos os ossos, nenhum deles será quebrado. Por que que isso está escrito? Lembram dos ladrões? Eles sofreram cruz e frágil. Por quê? Porque eles deveriam ser tirados da cruz, porque como era sexta-feira, véspera da Páscoa, eles tinham que ser tirados de lá.

O Shabat estava chegando. Então, para apressar a morte, o que se fazia? Se quebrava as pernas do condenado, porque assim ele não conseguia mais serguer na cruz e ele morria asfiziado mais rápido. Este era quebrado a pauladas.

Um foi atormentado na cruz por longo tempo. Outro morreu rapidamente ao ser golpeado. Então, o soldado romano pegava um pedaço de madeira, um porrete, e literalmente quebrava as pernas na porretada.

E aí o condenado não conseguia serguer e evoluía para a morte mais rápido. Aí tem a questão do ferimento do lado, que saiu sangue e água. Como é que a gente explica isso? Imagina que isso aqui é um corte do tórax da pessoa.

A gente tem o coração aqui, o pulmão aqui do lado, o outro pulmão do lado de cá, aqui está a coluna. E aí o que acontece? Com aquele processo inflamatório que eu falei para vocês, sistêmico, o choque polvolemico, aquela dificuldade toda para respirar, aquela posição, a gente começa a encher de líquido em volta do coração e em volta dos pulmões. Então aqui o sangue dentro do coração, o sangue vermelho aqui, representado, e aqui o líquido que vai extravasando em volta do pulmão e aqui em volta do coração.

E aí quando o soldado veio e espetou a lança, por que saiu água e sangue? Porque a lança penetrou dessa forma. O espaço pleural aqui que estava cheio de água, o espaço pericárdico cheio de água também, e chegou até o coração da onde saiu o sangue. Por isso que saiu sangue e água.

Verdadeiramente ele carregou os nossos sofrimentos e foram as nossas dores que ele suportou. Ele foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades. O castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sanados.

Para terminar gente, isso aqui, eu falei que ia falar mais tarde, é aquele grafite de Alexamenus numa escola em Roma, para ficar mais fácil de entender o que a gente tem aqui. Aqui a gente tem um garoto em posição de adoração, esse é o Alexamenus, e aqui está escrito em grego, Alexamenus sebete theon. Alexamenus adora Deus.

E olha quem que é o Deus de Alexamenus, é um burro que morreu crucificado. Isso aqui é bullying. Os coleguinhas do Alexamenus resolveram fazer bullying com ele, porque ele era cristão.

E falaram, olha, você adora um Deus, um burro que morreu crucificado. Esse é o Deus que você adora. Mas o que chama atenção aqui, é esse gama que está aqui.

Parece um Y, mas é a letra gama em grego. Isso aqui é um símbolo de fidelidade. Então Alexamenus, mesmo sofrendo bullying, foi lá e fez isso aqui.

Dizendo, mesmo assim, eu sofria. Gente, eu espero ter sido mais claro aí pra vocês. Espero poder ter esclarecido bastante do que deve ter sido esse sofrimento de Jesus.

É um tema longo, mas é uma coisa que a gente não tem noção do que foi esse sofrimento real. E a gente deve meditar sobre isso todos os dias, porque se ele sofreu isso, foi pra mim, foi por mim, foi por vocês, foi por todos nós. Ele sofreu a ira de Deus por nós, pra que a gente pudesse se reconciliar com Deus.

Amém por isso. Obrigado, gente.